

CLAUDIA Reportagem - Rainhas da Bateria

O bafafá das rainhas

Uma tem samba no pé; a outra samba melhor com a mídia. Entre a passista criada na comunidade que defende a celebridade que só dá as caras no dia do desfile, quem merece o posto de **rainha** da bateria? Nossa repórter investiga a guerra que movimenta os bastidores da maior festa popular brasileira envolve egos inflados e muito dinheiro

Uma nova divisão de classes se instalou entre as personagens mais populares da recente história do Carnaval brasileiro: as rainhas da bateria. A figura da passista carismática que no passado conquistava lugar de honra à frente dos ritmistas pelos quesitos beleza, simpatia, samba no pé e pela reconhecida dedicação à escola abriu um racha entre carnavalescos. De um lado, aumentou o cordão dos que querem um número maior de rainhas ligadas às comunidades de origem da escola. Do outro, as celebridades evoluem e conquistam cada vez mais espaço no sambódromo. "As escolas estão se distanciando do povo para virar um espetáculo globalizado de famosos", lamenta o produtor carioca Martinho Filho, autor de um projeto musical que conta a história do Brasil por meio do samba, recém-lançado pela gravadora Biscoito Fino.

Mas o que a **rainha** da bateria tem a ver com a reclamação do filho de Martinho da Vila? Explica-se: a jovem saída do anonimato respira Carnaval o ano inteiro e nunca falta a um ensaio. Já a famosa em geral não perde a oportunidade de aparecer – principalmente se o Carnaval estiver perto. Enquanto as rainhas da comunidade participam da concentração no meio da multidão e voltam para casa carregando a fantasia, as celebridades desfrutam de camarins e chegam escoltadas na avenida. Em troca da fantástica visibilidade do sambódromo, muitas acenam com confetes de dinheiro e financiam a própria fantasia. "A **rainha** do povo defende a escola. E a famosa, bem, essa defende o dela, não é mesmo?", ironiza a dançarina paulistana Renata Souza Barbosa, 24 anos, há dois **rainha** da bateria da Camisa Verde e Branco, uma das mais tradicionais escolas de São Paulo. Renata participou de um concurso com outras meninas da comunidade, assim como sua antecessora, Fernanda Batista de Deus, 30 anos, uma operadora de telemarketing que reinou por três anos na Camisa Verde. Fernanda é filha de um trombonista de blocos carnavalescos antigos e casou-se com um motoboy que faz parte da coordenação da sua agremiação.

Fernanda e Renata estão ligadas à escola de samba desde pequenas. Não caíram de pára-quadras no sambódromo, assim como a carioca Raissa de Oliveira, 18 anos, há seis anos **rainha** da bateria da Beija-Flor, campeã do Carnaval do Rio de Janeiro em 2007. Raissa foi eleita pela primeira vez aos 12 anos, tornando-se a integrante mais jovem no cargo. Nunca perdeu a majestade na escola de Nilópolis. A Beija-Flor, aliás, costuma ganhar elogios por não ceder à ditadura das famosas. Mas nunca se sabe... O Carnaval é uma festa de surpresas.

Tudo por dinheiro

As escolas defendem a opção pelas celebridades alegando que as moças, de forma velada ou explícita, contribuem significativamente para atenuar o custo dos desfiles. "A escolha da **rainha** da bateria normalmente é uma decisão da presidência, do grupo de ritmistas ou de ambos. Nem todas as famosas contribuem

com dinheiro, mas trazem prestígio e visibilidade, o que acaba chamando a atenção da mídia e indiretamente gera recursos por meio de patrocínios”, explica Analimar Ferreira Ventapane, diretora cultural da Unidos de Vila Isabel. E recursos são bem-vindos: para ter uma idéia, o custo declarado do desfile da campeã carioca do ano passado foi de 7 milhões de reais.

Mesmo assim, cada vez mais gente acha que não compensa. “Além da falta de compromisso com o grupo, muitas celebridades dão mais demonstrações de poder econômico do que de samba no pé”, alfineta o ator, produtor e escritor Haroldo Costa, autor de 100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro e Na Cadência do Samba. Em São Paulo, as rainhas do povo ainda têm um pouco mais de destaque do que no Rio. Mas isso também já está mudando. Os concursos nas comunidades diminuem na mesma proporção do aumento da participação de modelos e atrizes”, reclama o sambista T. Kaçula, um dos responsáveis pela criação da “rua do samba”, no centro de São Paulo, onde há quatro anos se promove uma roda de samba no último sábado de cada mês. Ele teme que a era das rainhas célebres contribua para banalizar o Carnaval brasileiro. “Os presidentes das escolas precisam se conscientizar de que quem faz o Carnaval é a comunidade. É ela que enche a quadra nos ensaios, escolhe a fantasia e o samba para defender na avenida”, ele insiste.

No Carnaval de 2007, a Estação Primeira da Mangueira, uma das poucas a manter a tradição, foi atacada por chamar Preta Gil para ser sua primeira rainha da bateria célebre. Mas, ao tirar a fantasia verde e rosa, a baiana se sentia na obrigação de enfatizar seu distanciamento do modelo clássico de celebridade. “Eu represento bem a mulher brasileira, pois sou filha de preto e tenho celulite”, ela disse na época. Os mesmos atributos não podem ser usados em defesa de quem ganhou o cobiçado título neste ano, a dançarina de formas esculturais Gracyanne Barbosa, namorada do cantor Belo. A dançarina do grupo de axé Tchakabum também está à frente da bateria da escola de samba Império da Casa Verde, em São Paulo.

Gracyanne tinha ocupado a mesma vaga no Salgueiro, hoje transferida para a ex-noiva do Belo, a modelo Viviane Araújo. Mas Viviane logo desceu da realeza e acusou Ivo Meirelles, presidente da bateria da Mangueira, de barganhar com Belo o título de rainha da bateria para a atual namorada em troca de shows na quadra. “Eu seria rainha da Mangueira, mas, como estava me separando, não assumi o posto”, desabafou. Ivo Meirelles contra-atacou dizendo que o comentário de Viviane não passava de dor-de-cotovelo de quem já quis o lugar de Preta Gil. Viviane ameaçou processar o mangueirense por danos morais, por ele também ter insinuado que ela faz programas. O bafafá acabou virando atração pré-carnavalesca de audiência garantida e dá idéia da importância do posto.

Trinca célebre

Nem só de barracos vivem as cortes: há também rasgos de diplomacia nesse relacionamento. “Seria o máximo se a próxima rainha fosse alguém da comunidade”, contorna Luiza Brunet, 45 anos, que reconquistou a coroa na Imperatriz Leopoldinense após dois anos afastada da Marquês de Sapucaí. Ela usou o manto de rainha durante 23 anos, 11 na Portela e 12 na Imperatriz Leopoldinense. Em 2005, foi destronada pela apresentadora Luciana Gimenez. “Eu me sinto mais legítima nesse posto”, considera Brunet, que não pensa em aposentar os tamancos. “Apesar de bela, Luciana tinha pouca relação com o Carnaval carioca”, compara a ex-modelo, que, na década de 80, fazia parte da famosa trindade de rainhas composta ainda por Monique Evans e Luma de Oliveira. Raissa de Oliveira, da Beija-Flor, foge da polêmica. “Cada escola tem o seu motivo para fazer a escolha. O importante é que são todas lindas”, desconversa ela,

considerada uma autêntica **rainha** pelos defensores de uma maior participação popular nas escolas de samba, pois nasceu na comunidade de Nilópolis e mora ao lado da quadra da Beija-Flor.

Rainha da Portela pelo quinto ano consecutivo, a ex-paquita Adriana Bombom reconhece que muitas concorrentes famosas são de fato um fracasso à frente da bateria. "Eu sinto pena das meninas que passam a vida se dedicando à comunidade e são preteridas por gente que nem sabe sambar direito." Não é o caso dela, faz questão de reforçar. Bombom, que já revezou a coroa na Tradição e na Vila Isabel, diz que sempre botou no topo da agenda os ensaios, festas e feijoadas da agremiação.

A primeira vez que uma celebridade desfilou à frente do grupo de ritmistas foi em 1986: era a modelo e atriz Monique Evans, madrinha da bateria da Mocidade Independente. Mas o posto se consolidou no imaginário popular no ano seguinte, quando a modelo Luma de Oliveira defendeu a Caprichosos de Pilares com os seios de fora. Luma não se manteve fiel a uma só escola e brilhou também na Viradouro, agremiação de Niterói (RJ). O único voto de fidelidade foi declarado em 1998 ao empresário Eike Batista, quando desfilou na Tradição com uma coleira com o nome gravado do então marido ciumento – hoje ex.

Musas nuas

Cada escola busca soluções caseiras para conciliar os ânimos tradicionalistas e a sede de dinheiro. A Portela, recordista de títulos do Carnaval carioca, foi aplaudida pela ala conservadora ao eleger como madrinha da bateria em 2004 sua primeira porta-bandeira, Maria das Dores Rodrigues, a Dodô da Portela, então com 84 anos. A conquista do posto causou certa confusão. Houve quem achasse que Dodô substituiria a **rainha**, Adriana Bombom. Dodô esclarece com humor: "A madrinha está sempre vestida e a **rainha** está sempre nua". Aos 88 anos, continua desfilando na ala das damas da azul-e-branca.

É verdade que muitas diretorias se encarregam de administrar vaidades. Conforme a conveniência, saem distribuindo faixas de madrinha para celebridades que aceitam sair ao lado de rainhas anônimas ou títulos de madrinha para as que foram destronadas pela famosa do momento. Mas o maior objeto de desejo continua sendo o posto de **rainha**. Neste Carnaval, Elaine Ribeiro, a antiga **rainha** eleita pela comunidade da Porto da Pedra, denunciou ter perdido a vaga para a modelo Ângela Bismarck porque a concorrente teria desembolsado 150 mil reais para desfilar. Ângela negou e disse que ajudou a escola apenas realizando festas e bingos para arrecadar fundos. A nova **rainha** nunca foi conhecida pelo samba no pé: sua notoriedade se deve às mais de 40 plásticas que realizou e que fizeram dela a recordista mundial nesse tipo de cirurgia. Como quer que tenham chegado lá, no entanto, as rainhas famosas não têm do que reclamar. Gracyanne, a nova **rainha** da bateria da Mangueira, por exemplo, já foi contratada como garota-propaganda de uma marca de suplemento alimentar e está sendo sondada para ser modelo de uma linha de cosméticos.

Aulas de samba

O título mais disputado da avenida já foi de Deborah Secco, Valéria Valensa, Suzana Vieira. O Rio também coroou as paulistas Cláudia Raia e Adriane Galisteu. Neste Carnaval, a atriz Grazi Massafera reina na bateria da Grande Rio pelo segundo ano. Adriane Galisteu ocupa o posto de **rainha** da bateria da Unidos da Tijuca. Pela segunda vez, a modelo Ellen Roche assume o trono na escola de samba Rosas de Ouro, em São Paulo. A apresentadora Amanda Françoso é a **rainha** da

bateria da escola paulistana Vai-Vai. Quem não tem samba no pé desde o berço toma aulas para fazer bonito, como a miss Brasil Natália Guimarães, **rainha** de bateria da Vila Isabel. Enquanto isso, o coração das veteranas dói de nostalgia. "No meu tempo, eu requebrava as cadeiras e me sentia **rainha** sem precisar de título", compara a carnavalesca paulistana Cleusa Aparecida Viana, 62 anos, destaque da bateria da extinta escola Paulistana da Glória entre 1972 e 1982. "Hoje muitas celebridades só resolvem tirar o pé do chão depois de ganhar a coroa."

"A eleita do povo defende a escola. Já a famosa defende o dela, não é mesmo?"

Renata

Autor: **Lina de Albuquerque**